

0055 - Marco Antunes de Lima, Paulo Miranda Favero, Sergio Settani Giglio e Vítor Canale

Um balanço da trajetória do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF) (2006 - 2009)¹

Vítor Canale
Sérgio Settani Giglio
Marco Antunes de Lima
Paulo Miranda Favero

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar o processo de formação e desenvolvimento do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF), entre os anos de 2006 e 2010, com enfoque em suas atividades e nas leituras que realizou sobre temas que relacionam o futebol à questão racial, à identidade nacional, ao cotidiano e à sociabilidade popular. Por fim, apontamos os resultados das ações do grupo para além das reuniões entre os integrantes.

Palavra-chaves: Futebol; Ciências Humanas; Interdisciplinaridade; Nacionalismo; Identidades.

Introdução

No segundo semestre de 2005, junto ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, foi ministrada, em sua terceira edição, a disciplina “História sociocultural do futebol” pelos docentes Flávio de Campos e Hilário Franco Júnior, cujas discussões resultaram no ensaio “A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura”². Alunos de diversas áreas das Ciências Humanas estiveram reunidos nesta ocasião e, ao final do curso, formaram um grupo de estudos para dar continuidade às discussões e estudos sobre o assunto. Pela pluralidade das áreas representadas pelos seus participantes, optou-se por destacar seu caráter interdisciplinar com o nome *Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF)*³.

¹ Também participaram da elaboração desse trabalho os seguintes integrantes do GIEF: Diana Mendes M. da Silva, Paulo Nascimento, Marcel Diego Tonini, João Paulo França Streapco, Max Filipe Nigro Rocha.

² FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

³ Grupo atualmente coordenado pela Professora Dra Katia Rubio do Departamento de Educação Física da USP e cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cujos

0055 - Marco Antunes de Lima, Paulo Miranda Favero, Sergio Settani Giglio e Vítor Canale

O grupo iniciou seus encontros em março de 2006 e, desde o início trabalhou com a premissa comum de que o futebol é “fenômeno social total”⁴, distanciando-se de perspectivas que compreendem o futebol apenas como veículo de ideologias, como “ópio do povo” ou mero “fenômeno da indústria cultural” a serviço dos interesses do grande capital, das classes dominantes ou dos Estados nacionais. Ou seja, trata-se de vê-lo como elemento cultural abrangente, forjado na interface de dimensões e temporalidades diferenciadas, o que torna evidente o seu caráter metonímico, de índice interno de processo social mais amplo, uma vez que o futebol não só representa a sociedade, mas dela é parte constitutiva⁵.

A interdisciplinaridade e a diversidade de linhas de pesquisa presentes no grupo foram traduzidas em duas questões centrais que orientaram inicialmente os trabalhos. Para além da premissa de que o futebol é fenômeno social total, o que mais poderia ser compartilhado, de modo a possibilitar efetivamente a criação de um grupo de estudos? E, ao mesmo tempo, como selecionar e organizar leituras que pudessem contemplar a diversidade de interesses presente entre os participantes? Para responder a essas questões, aparentemente contraditórias, definimos duas vertentes principais de trabalho.

Na primeira linha, de perspectiva diacrônica, traçamos um panorama das principais discussões produzidas no Brasil desde quando o futebol começou a ser tema de crônicas, ensaios e outros tipos de trabalho.

Inspirado no texto “Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira”, de Luiz Henrique de Toledo (2001), o grupo buscou contemplar a variedade de gêneros textuais e análises sobre o tema entre os anos de 1920 até os dias atuais.

A segunda perspectiva, de modelo sincrônico, contemplou conceitos e temas fundamentais com os quais os representantes do grupo lidam direta ou indiretamente em suas pesquisas individuais, tais como: corporeidade e técnicas corporais; esporte e modernidade; imprensa e identidade nacional; cultura, raça e racismo; dom e forma-representação; cotidiano e sociabilidade popular.

membros são Diana Mendes M. da Silva (mestranda em História Social pela USP), Enrico Spaggiari (doutorando em Antropologia Urbana pela USP), João Paulo França Streapco (mestrando em História Social pela USP), Marcel Diego Tonini (mestrando em História Social pela USP), Marco Antunes de Lima (graduado em História pela USP), Paulo Miranda Favero (mestre em Geografia pela USP), Paulo Nascimento (mestrando em História Social pela USP), Sérgio Settani Giglio (doutorando em Educação Física pela USP), Vítor Canale (mestrando em Educação Física pela UNICAMP). A partir de 2010 passaram a integrar o grupo os estudantes do curso de História da USP, a Giovana Capucim e Silva e o Max Filipe Nigro Rocha.

⁴ Na acepção geral de Marcel Mauss (2003), Pierre Bourdieu (1983; 1990) e Roberto DaMatta (1982).

⁵ Segundo a acepção do ensaísta José Miguel Wisnik (2008).

0055 - Marco Antunes de Lima, Paulo Miranda Favero, Sergio Settani Giglio e Vítor Canale

A experiência adquirida com essas duas linhas de trabalho levou o grupo a adotar novo modelo de organização, também relacionado ao crescimento das publicações brasileiras na área das Ciências Humanas sobre o futebol.

A experiência adquirida com o levantamento das discussões realizadas ao decorrer do século XX no Brasil, com a reflexão sobre os conceitos específicos do campo, e o crescimento das publicações brasileiras sobre o futebol na área das Ciências Humanas, levou o grupo a adotar novo modelo de organização.

Atualmente, a centralidade do trabalho gira em torno da leitura das obras de referência recentemente publicadas⁶, escolha que apontou para (novos temas e abordagens metodológicas) para o tratamento do assunto. Três principais temas têm sido debatidos no GIEF, seja pela centralidade ou recorrência no campo de estudos, seja porque estão também relacionados às pesquisas individuais de seus participantes. São eles: o futebol e a questão racial, o papel do futebol na formação da identidade nacional brasileira e o futebol como domínio do cotidiano e da sociabilidade popular. Sobre eles gostaríamos de tecer alguns comentários.

A “prontidão” para o futebol: dom, raça ou cultura?

Trata-se de pergunta capciosa, principalmente porque se trata de pensar sobre o futebol brasileiro, mundialmente conhecido por seus jogadores negros como Leônidas, Garrincha, Pelé, Romário e Ronaldo. Eis também um debate tão polêmico quanto antigo e, ao mesmo tempo, atual. Para discutir sobre essa questão, dialogamos com três autores que recentemente lançaram livros sobre futebol: Damo (2007), Wisnik (2008) e Florenzano (2009). Embora cada um lance mão de um referencial teórico específico, podemos traçar relações importantes a partir do modo como cada um analisa este esporte.

Damo (2007) tem como base de seu trabalho a noção de dom, mobilizada para compreender como se dá a formação dos jogadores brasileiros, em comparação com a formação de jogadores franceses. A partir dessa temática o autor realiza apurada etnografia que apresenta o longo e excludente caminho pelo qual os meninos estarão expostos durante todo o processo de formação, em busca do sonho de ser um jogador

⁶ Dois importantes ensaios foram publicados sobre o assunto, Franco Júnior (2008) e Wisnik (2009), além de pesquisas de mestrado e doutorado como Antunes (2004), Hollanda (2004), Damo (2007) e Florenzano (2009).

0055 - Marco Antunes de Lima, Paulo Miranda Favero, Sergio Settani Giglio e Vítor Canale
 profissional. A etapa final desse processo representada pelo momento de recrutamento pelo mercado é oportunidade para poucos.

Florenzano (2009) investiga as práticas de liberdade no futebol brasileiro por meio da democracia corinthiana, experiência vivida por jogadores, equipe técnica e torcedores no clube paulista entre o fim dos anos 70 e início dos anos 80 do século XX. Segundo o autor, essa experiência:

“[...] proporcionou aos jogadores o aprendizado na arte de se governar, individual e coletivamente, colocando a participação na resolução de questões comuns como condição *sine qua non* para a construção do projeto de autonomia, cujos pontos principais podem ser assim alinhavados: participação na escolha do técnico ao qual se achavam subordinados na estrutura hierárquica do futebol; participação na contratação e dispensa dos integrantes do elenco; participação na elaboração das normas disciplinares seguidas pelo grupo; e, por último, mas não menos importante, engajamento nas questões sociais do país” (FLORENZANO, 2009, p. 40).

Para o autor, as práticas de liberdade estão estreitamente relacionadas à criação ou à revitalização de um estilo de jogar chamado *futebol-arte* em oposição ao *futebol-força*.

Em seu ensaio, Wisnik (2008) procura analisar, há um só tempo, o *em si*, o interno do futebol e seu entorno, por meio de processos que o cercam e o conformam. Escrevendo de maneira erudita, o autor dialoga com uma série de intelectuais na tentativa de compreender melhor este esporte e os seus significados no Brasil. Em seu mais importante capítulo, em que busca entender por que os negros e mulatos dominam o esporte em geral e o futebol brasileiro em particular, Wisnik baseia-se em Gumbrecht para advogar em favor do desencantamento de um tabu, qual seja,

[...] afirmação de que afrodescendentes manifestam uma propensão congenial a responder instantaneamente, e com o corpo todo, a desafios que se colocam e se resolvem no tempo-espço do jogo, assim como no da música e da dança. Trata-se de uma capacidade de improvisação encarnada que poderia se traduzir na palavra *prontidão*, no sentido de presteza, agilidade, desembaraço espontâneo diante de uma demanda objetiva que encontra eco no desejo do sujeito (WISNIK, 2008, p. 226, grifo do autor).

O argumento de Wisnik mantém estreita relação com uma das formas em que o dom é trabalhado por Damo (2007, p. 186): como sinônimo de dádiva, que equivale a

0055 - Marco Antunes de Lima, Paulo Miranda Favero, Sergio Settani Giglio e Vítor Canale

uma predisposição que além de inata (genética) é herdada (mantém relação com a divindade).

Sabendo que está tocando em assunto delicado e correndo o risco de ser mal-entendido pelos leitores, Wisnik, afirma, logo em seguida, que o seu argumento não deve ser confundido com racismo.⁷ Para tanto, ele acredita que “bossa”⁸ seja um termo mais apropriado, uma vez que:

[...] virou no Brasil o significante de um “patrimônio imaterial” de difícil nomeação: a ginga, o jeito, a disposição a habitar o intervalo do ritmo, os hiatos da linguagem, os meneios do corpo, ou seja, um equivalente mais qualificado de *prontidão*. Pode-se dizer que a *bossa* é uma *prontidão avisada*, que conhece os atalhos do tempo e do espaço, que vai sem pressa e sem abrir mão da graça e da malícia (WISNIK, 2008, p. 230, grifos do autor).

Para Wisnik, o mulato, não necessariamente o mulato literal, seria o agente metacultural por excelência da “prontidão” e da “bossa”, o mediador da reciprocidade cultural – não o representante de uma suposta naturalização da cultura – e o relativizador da fixidez das raças e das culturas.

Embora Florenzano esteja atento a certas armadilhas que os seus temas podem gerar, em certo momento do texto ele se deixa levar por argumento bastante próximo daquele utilizado por Wisnik: vincular um estilo de jogar à dança e à capoeira para explicar a carreira do jogador Wladimir⁹.

A transformação de Wladimir, na verdade, estava associada às práticas culturais ministradas na academia de dança inaugurada pelo próprio jogador [...]. O vínculo estabelecido entre o futebol-arte e a mescla de dança, luta e jogo na qual se constitui a capoeira lhe permitia descortinar novas possibilidades para o uso do corpo [...]. Wladimir se guiava pela ânsia de liberdade que caracterizava a capoeira [...]. (FLORENZANO, 2009, p. 189).

Será que a transformação de Wladimir, um dos líderes da democracia corintiana, se deu unicamente por fazer parte de uma escola de dança? E como entender os

⁷ Cf. Wisnik (2008, p. 227).

⁸ Em referência a uma importante canção de Noel Rosa, “São coisas nossas” que afirma: “O *samba*, a *prontidão* e outras *bossas*, são nossas coisas, são coisas nossas!”

⁹ De acordo com Florenzano (2009) para entender o destaque de Wladimir, o lateral-esquerdo do Corinthians, é preciso recorrer ao período da Democracia Corinthiana. Nas palavras do autor (p. 196): “Ao invés do jogador deformado pelo excesso atlético, constituído pelos mecanismos de poder como corpo-máquina e submetido pelos técnicos do comportamento à condição de mero comandado, Wladimir emerge como exemplo do jogador que se autoconstituía através das práticas de liberdade autor de si mesmo, figura soberana em cujos traços se contemplava a harmonia do corpo e da alma [...]”.

0055 - Marco Antunes de Lima, Paulo Miranda Favero, Sergio Settani Giglio e Vítor Canale

jogadores que não passaram por aulas de dança? Não terão ginga? Jogarão somente um futebol-força? A capoeira foi a responsável por gerar um desejo de liberdade? Não podemos nos esquecer de que Wladimir é negro e, dessa forma, estaria enquadrado no modelo desenvolvido por Wisnik. Ele possuiria, portanto, uma pré-disposição para o **uso do corpo** da maneira mais desejada possível. Mas, nessa perspectiva resvala-se novamente na dimensão biológica, argumento a que ainda se recorre para explicar o sucesso de alguém no campo artístico ou esportivo, quando, na verdade, o **uso do corpo é a questão central**:

Esse campo profissional pode ser generoso com alguns indivíduos, e o fato de sê-lo, em linhas genéricas, com os populares e, particularmente, com os negros, por vezes cria um flanco para a apoteose populista. Entretanto como outros campos do mundo artístico, o futebol de espetáculo pode ser generoso com uma dada classe de indivíduos, mas não é com todos os indivíduos de uma classe. Não há preconceito de cor em relação à profissionalização de futebolistas, o que não implica dizer que não haja preconceito de cor em relação a outros postos – como o de técnico e de dirigente [...]. (DAMO, 2007, p. 204).

Desta maneira, o argumento de Damo vai na contramão do que afirma Wisnik, pois para o primeiro é sempre perigoso tomar como ponto de partida a relação entre ser jogador e ser negro. Se pensarmos na “prontidão”, tal como Damo faz com o dom, começamos a escapar da armadilha biológica, qual seja, que o dom é algo que está oculto na essência e visível enquanto manifestação. Daí a dificuldade em explicar o dom ou quando o faz caminha por atributos genéticos e que acaba por explicar apenas uma parte da questão. Se não pensarmos a “prontidão” tal como o dom, seguiremos na interpretação genética e teremos um outro complicador, como explicita Damo:

Mesmo no caso das explicações calcadas na biologia e seus códigos, haverá indeterminação: como dois filhos de um mesmo casal podem ter performances desiguais e, particularmente, no caso dos gêmeos – Diego e Diogo, meus informantes, por exemplo –, como um torna-se mais exitoso do que o outro? Por que um deles é melhor do que o outro e não o inverso? Enfim, o dom se presta, como significante flutuante, para preencher estas e outras colunas. (DAMO, 2007, p. 200).

Se formos pelo caminho da natureza, da genética, teremos sérios problemas para responder a pergunta de Damo. Diante disso, Wisnik parece cair em sua própria armadilha, pois desenvolveu a ideia da “prontidão” e relacionou-a aos negros. Porém, o próprio Wisnik tem uma saída muito bem formulada para o seu próprio nó. Se não o interpretarmos equivocadamente, uma junção entre as técnicas corporais da cultura negra e a condição social inadequada em que os negros vivem no Brasil daria a este

0055 - Marco Antunes de Lima, Paulo Miranda Favero, Sergio Settani Giglio e Vítor Canale

contingente populacional um “DNA cultural” (WISNIK, 2008, p. 361) capaz de fazê-lo inventar maneiras artísticas de se sobressair no futebol, na música e na dança, tendo “um papel decisivo na constituição cultural do Brasil moderno” (ibid., p. 229).

Esse “DNA cultural” seria o que nos caracteriza enquanto um país que valoriza a prática do futebol desde a mais tenra idade e que se refere às diferentes formas de se aprender futebol, revelando que muitas vezes as crianças são estimuladas somente a praticar futebol. Ao pensar o “DNA cultural” Wisnik foge de uma visão puramente biológica e encontra uma expressão para dar conta tanto do que é biológico como algo que é construído culturalmente. E será por meio dessa expressão que podemos entender que o dom “só existe quando há um público que o reconhece como tal” (DAMO, 2007, p. 192), ou seja, sem o “DNA cultural” que valoriza o futebol, o dom perde todo o significado e esvazia-se de sentido.

A identidade nacional e o futebol

As atividades de leitura e pesquisa do grupo permitiram a percepção da existência de um debate intelectual no Brasil que perpassa todo o século XX acerca das relações entre futebol e identidade nacional brasileira. Já na segunda década deste século, memorialistas e historiadores paulistanos tentaram traçar uma genealogia deste esporte na cidade de São Paulo, enquanto periodistas construía o campo da crônica esportiva em periódicos como “A Gazeta” e “O Estado de S. Paulo” com vistas ao fornecimento de informações ao público que acompanharia o desenvolvimento do Campeonato Sul-Americano de Futebol, realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 1919. Desde então, o futebol serviu de referencial para a construção de discursos e identidades locais, regionais, de classe, racial, de gênero e nacional assim como seu controle era disputado por diversos grupos regionais e sociais. .

Para situarmos nossa discussão sobre identidade nacional, recorreremos ao conceito desenvolvido por Anderson (2008), acerca das *comunidades imaginadas*. Para ele, as estruturas de *camaradagem social* estabelecem um *nós* coletivo a partir de temporalidades que remetem à estrutura do mito. Com relação às identidades forjadas através do futebol, a obra de Toledo (2002) é nossa referência, pois o autor percebeu que no futebol o torcedor estabelece uma relação com o time e demais torcedores marcada pela eleição de um inimigo comum que permite a coesão do grupo.

0055 - Marco Antunes de Lima, Paulo Miranda Favero, Sergio Settani Giglio e Vítor Canale

O desenvolvimento dos Campeonatos Sul-Americanos e a competição com as seleções platinas permitiu o desenvolvimento de uma identidade brasileira nos gramados que se contrapunha ao futebol e identidades de Argentina e Uruguai, desde o referido campeonato de 1919. A percepção por parte dos periodistas de que o tema despertava o interesse do público permitiu o aparecimento das primeiras publicações e debates sobre o tema naquela ocasião.

Os motivos que levaram a população brasileira a se interessar pelo futebol e a ressignificá-lo como instrumento de identidade nacional permanecem como fonte de polêmica entre os pesquisadores, pois alguns dos autores estudados falam na atuação do Estado brasileiro durante a ditadura de Getúlio Vargas como o grande definidor deste processo, enquanto outros, como vimos, estabelecem um vínculo genealógico entre o futebol e as práticas corporais tradicionais da sociedade brasileira.

Assim, quando falamos da existência de um dilema nacional relacionado ao futebol, levamos em consideração estes aspectos mais amplos que dificilmente conseguimos perceber quando estamos em um estádio de futebol, na condição de torcedores. Se é verdade que o futebol permite o contato com o outro e estimula a construção de identidades e representações através de jogos de espelhos, também é verdade que se converte em espaço privilegiado para que possamos descortinar os processos que forjam estas identidades, sejam elas nacionais, étnicas, locais ou de classes.

DaMatta (1982) já chamava a atenção para as relações do futebol com o dilema nacional, obra esta produzida em contraponto à ideia defendida, por exemplo, no livro de Campos (1984), onde o futebol era tido como *o ópio do povo*, ou um instrumento de controle das massas, utilizado por governos autoritários. Essa disposição para tratar das singularidades do povo brasileiro, entretanto, não era inédita. A geração de intelectuais da década de 1930¹⁰ produziu estudos comprometidos com esse olhar antropológico, e influenciou aqueles que trabalhavam com a história do futebol no mesmo período, caso de Mário Filho cuja primeira edição de seu livro, *O negro no futebol brasileiro*, data de 1947. Em nossa perspectiva, o dilema da identidade nacional, recorrente ao longo do

¹⁰ Obras como *Raízes do Brasil*, *Casa-Grande e Senzala* e *Formação do Brasil Contemporâneo*, cujas respectivas autorias são dos ensaístas Sergio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Junior, são ainda hoje referências clássicas para a discussão sobre a sociedade brasileira. Em linhas gerais, a disposição de tais autores foi a de analisar o caráter brasileiro a partir de processos originários da colonização portuguesa que se mantiveram no período imperial e permaneceram com forte impacto no período republicano – mesmo que, em alguns casos, soasse antagônico àquele novo regime no qual as relações afetuosas (ou cordiais, nas palavras de Holanda) supostamente não fizessem mais sentido.

0055 - Marco Antunes de Lima, Paulo Miranda Favero, Sergio Settani Giglio e Vítor Canale

século XX, não é um tema esgotado no debate produzido pelas mais recentes publicações acerca do futebol e das ciências humanas de forma mais abrangente. As obras de Marques (2000), Antunes (2004), Toledo (2002), Damo (2007), Franco Junior (2007), Wisnik (2008) e Florenzano (2009), que se propõem a tratar do futebol com métodos e fontes documentais variados, nas diversas instâncias das ciências sociais, mantêm a questão da identidade nacional brasileira como eixo condutor de suas respectivas discussões, mesmo que a intenção declarada dos autores fosse outra. A proposta central do trabalho de DaMatta ainda repercute na atualidade – ao menos nas obras que discutem futebol.

Por meio de nossas atividades, percebemos que alguns regionalismos atuaram na forja desta identidade nacional brasileira. A leitura de alguns autores, como Antunes (2004) e Mário Filho (2003), por exemplo, permitiu verificarmos como determinados referências locais - a trajetória dos clubes do Rio de Janeiro, seus jogadores e estádios, em especial o Maracanã - se converteram em nacionais, desconsiderando realidades regionais distintas àquelas. Tal postura vai ao encontro da discussão proposta por Hobsbawm e Ranger (1997), que no livro *A invenção das tradições*, ao discutirem como as tradições são inventadas e legitimadas na modernidade, afirmam que determinadas práticas fundamentais para a construção das identidades nacionais, embora se pretendam “naturais”, passaram por um processo de construção e de desconsideração de realidades regionais distintas àquelas construções em períodos recentes.

Esse comprometimento com a construção desta tradição futebolística, contudo, não foi consensual. É preciso salientar que parcela considerável da intelectualidade brasileira desconfiava, ou não gostava, do jogo de futebol. Mesmo neste grupo, alguns autores, ao realizarem críticas ao esporte, também se inseriram dentro deste debate acerca das relações entre a identidade nacional e o futebol. Talvez, o caso mais emblemático seja o do romancista Lima Barreto conhecido por seu espírito crítico aos modismos trazidos de fora pelas elites que invadiam a sociedade brasileira no início do século. Na década de 1920 produziu diversas crônicas nas quais acusava a modalidade de estrangeirismo, que colocava em risco esportes tidos pelo autor como genuinamente nacionais, tais como a capoeira.

Por meio de seus textos, percebemos a trajetória singular do futebol na sociedade brasileira, até ser ressignificado como o esporte das multidões, capaz de levar mais de

0055 - Marco Antunes de Lima, Paulo Miranda Favero, Sergio Settani Giglio e Vítor Canale

cento e cinquenta mil pessoas a um estádio de futebol para acompanhar a seleção nacional, assim como a questão da prontidão para o futebol.

Em nossa perspectiva, estes são temas correlatos e novas pesquisas realizadas por membros do grupo atestam o quanto estas ideias se relacionam e produzem representações recorrentes sobre o que é ser brasileiro.

Embora alguns autores apresentem restrições em relacionar suas discussões ao tema da identidade nacional brasileira, as leituras de seus trabalhos permitem afirmar que esse dilema continua a ser central nestes debates.

Cotidiano e sociabilidade popular

Durante décadas, as pesquisas brasileiras sobre futebol foram dedicadas, em sua maioria, às reflexões sobre as representações identitárias a ele associadas, como descrevemos no item anterior. Preocupados em investigar a maneira como o futebol foi mobilizado para a criação de vínculos identitários, seja em âmbito regional ou nacional, os trabalhos voltaram-se fundamentalmente para os usos que as classes dominantes e o estado nacional fizeram do esporte bretão.

No entanto, outro processo, correu paralelamente ao tratamento oferecido ao futebol pela academia. Jornalistas, cronistas e escritores, ligados principalmente à imprensa esportiva do Rio de Janeiro e de São Paulo, construíram um olhar específico sobre a relação entre o futebol e as classes populares. Em seus escritos, apresentaram a configuração do que seria o futebol popular e sobre ele depositaram o conteúdo da brasilidade, marcador identitário da nação¹¹. Em São Paulo, essa caracterização esteve associada ao futebol de várzea¹².

A várzea integrou o imaginário futebolístico nacional e ainda hoje, está associada à originalidade, liberdade e criatividade, características atribuídas ao futebol brasileiro. Foi vista, por muito tempo, como a responsável pela “formação” dos bons jogadores que atuaram no futebol profissional em São Paulo. Mas, embora o discurso sobre a várzea seja recorrente na imprensa e no imaginário social, inúmeras questões a

¹¹ Principalmente após a Copa de 1938, em que o Brasil teve destaque no campeonato e, ao mesmo tempo vivia sob o regime ditatorial de Getúlio Vargas que se mostrava interessado em forjar os elos identitários nacionais a partir do futebol.

¹² Espaço de vazão dos rios. Em São Paulo, as várzeas dos rios foram utilizadas como campos de futebol no período que imediatamente antecedeu a intensa metropolização da cidade, a partir dos anos 40 do século XX.

0055 - Marco Antunes de Lima, Paulo Miranda Favero, Sergio Settani Giglio e Vítor Canale

ela associadas seguem sem resposta, ou ainda, sem perguntas nas pesquisas acadêmicas sobre o assunto.

Podemos dizer que as relações entre o futebol e as camadas populares são incipientes no universo acadêmico e, por outro lado, ainda influenciadas pelo tratamento que a imprensa deu ao assunto. No entanto, já podemos destacar trabalhos que destoam das questões colocadas pela imprensa e colocam-se próximos das experiências concretas, das práticas sociais em torno do futebol.

É o caso da pesquisa de Seabra (2003) que, ao investigar a urbanização de São Paulo, assumiu o futebol de várzea como matriz para compreender a distribuição política do trabalho e do lazer na cidade. Segundo a autora, o futebol organizado em clubes configurou tempos e espaços *modernos* nos bairros da cidade, em substituição à centralidade da igreja na organização do tempo livre. Seu trabalho destaca também o papel dessas agremiações no rearranjo de relações sociais que começaram a assumir, por intermédio do futebol, claro conteúdo político:

[Nos clubes,] hierarquizavam-se as competências, formulavam-se critérios de perícia, de julgamento e, enfim, eram esses efeitos de distinção, oriundos das experiências originadas das lides no clube, que, transportados ou projetados nos círculos de relações mais imediatos de cada um, podiam ir mudando o meio sem parecer que mudavam [...] Desse caráter gregário do futebol vinha a disposição de organizar e fazer funcionar o clube, como também a motivação dos moradores de se apaixonarem por uma causa comum (SEABRA, 2003, p. 407).

No que tange à representação sociopolítica, podemos notar que os clubes de bairro se multiplicaram rapidamente e promoveram a organização e a participação dos sócios em esferas coletivas sem a tutela da igreja. Por outro lado, promoveram também a circulação dos agremiados pela cidade, em torneios e festivais envolvendo o futebol. Situação que se manteve até o início dos anos de 1940 quando a várzea deixou de ser espaço articulador de bairros e passou a ser objeto de disputa entre as associações esportivas e o capital de fábricas e indústrias que nela começaram a se instalar, sem mediação do Estado ou controle social.

Outras dimensões relacionadas ao papel das classes populares no desenvolvimento do futebol nacional tem aparecido nas pesquisas. Afinadas com a perspectiva dos historiadores E. P. Thompson e Eric Hobsbawm, referem-se principalmente ao protagonismo das pessoas comuns na formação do nacionalismo.

0055 - Marco Antunes de Lima, Paulo Miranda Favero, Sergio Settani Giglio e Vítor Canale

Souza (2008) e Pardini (2010) ao trabalharem com o contexto de produção das representações identitárias durante o final dos anos de 1930, sob o governo autoritário de Getúlio Vargas, lidaram com a *apropriação* dessas imagens pelas classes populares.

Suas análises demonstram que a contribuição dos trabalhadores para a construção da identidade nacional não se deu na mera aceitação de valores como a eugenia, a disciplina e o trabalho, transmitidos pelos ideólogos do Estado Novo a partir do futebol. Pelo contrário, os trabalhadores representaram no futebol o universo do lazer, espaço de resistência *de uma ética do não-trabalho que tinha suas origens no período escravocrata, quando o ato de trabalhar adquiria toda a sua negatividade* (SOUZA, 2008, p. 139). Leônidas da Silva, jogador mundialmente conhecido como o inventor da bicicleta, partilhou desse universo dentro e fora de jogo, representando *a transgressão à ordem vigente, por não aceitar os valores e a disciplina impostos de cima. Mas [ele] também era a esperança de reconstruir um mundo melhor, por se identificar ao lazer e à alegria* (SOUZA, 2008, p. 141). Características sobre as quais se assenta a construção do mito do jogador. Em síntese, embora tenham corroborado para a construção de uma identidade pensada a partir “de cima”, os trabalhadores acrescentaram novo conteúdo às representações nacionalistas e nelas puderam se reconhecer.

Tais trabalhos, embora solitários, oferecem a possibilidade de repensar o papel das classes populares na configuração do esporte e, ao mesmo tempo, oferecem novas perspectivas de trabalho sobre o assunto ao ampliarem o escopo de questões e de suas abordagens.

Considerações finais

Embora não se possa afirmar que o futebol seja tema consolidado nas instituições acadêmicas brasileiras, já é possível reconhecer um significativo crescimento do volume da produção sobre o assunto principalmente a partir dos anos de 1980, em que, ao se revisitar o problema da construção do conceito de nação brasileira, não se pode deixar de pensar no papel exercido pelo futebol, como índice de consolidação deste conceito e, ao mesmo tempo, como elemento de negociação e disputa entre a sociedade, suas classes sociais e o Estado.

0055 - Marco Antunes de Lima, Paulo Miranda Favero, Sergio Settani Giglio e Vítor Canale

Por outro lado, o surgimento e a manutenção de um grupo de estudos sobre futebol é indício de tal alteração. A atuação do GIEF tem se mostrado profícua ao debater e acompanhar o debate contemporâneo sobre o futebol.

O grupo, além de possibilitar a reflexão aprofundada, advinda do debate, é um importante elemento na caminhada acadêmica de seus elementos que fazem parte, ou pretendem fazer, dos programas de pós-graduação das universidades públicas de São Paulo.

O GIEF pretende a partir da maturação de ideias e da exposição pública dos trabalhos acadêmicos (dissertações e artigos) ajudar a construir o conhecimento sobre o futebol com um enfoque nas ciências humanas.

Desde o início da formação do grupo é mantida uma lista de emails para debater e compartilhar informações sobre o futebol. Foi a partir dessa lista que o grupo organizou a sua primeira reunião na USP em 2006. Em 2007, o grupo publicou um artigo na *Revista GEOUSP*¹³ sobre a consolidação do grupo e os primeiros aportes teóricos desenvolvidos desde a fundação do grupo um ano antes.

Durante mais de dois anos o grupo escreveu periodicamente colunas para o site *Universidade do Futebol*¹⁴, frutos dos projetos dos seus membros e dos debates travados ao longo das reuniões. Além disso, alguns integrantes do GIEF começaram a participar, desde 2007, de outro espaço para debater o futebol: o Grupo de Literatura e Memória do Futebol (MEMOFUT¹⁵) que se reúne mensalmente, além de manter uma lista de discussão pela internet.

Com o objetivo de tornar o conhecimento e o debate sobre o futebol um assunto mais disseminado, alguns dos membros do GIEF concluíram, no final de 2009, o projeto de um site de conteúdo específico sobre o futebol refletido academicamente nas ciências humanas: o *Ludopédio*¹⁶.

¹³ Devido a um espaço limitado de autores permitidos pela revista o artigo foi publicado no nome de apenas três integrantes (Favero, Miranda e Lourenço Filho, 2007). No entanto, os demais integrantes do grupo daquele momento participaram da árdua tarefa de produzir um texto coletivo em várias mãos.

¹⁴ www.universidadedofutebol.com.br

¹⁵ A formação do MEMOFUT foi uma iniciativa do Sr. Domingos D'Angelo, um apaixonado por futebol, além de colecionador de livros sobre o tema. Fundado em 31 de março de 2007, o grupo tem por missão promover a difusão da literatura no futebol e em outras formas de expressão cultural e artística e apoiar a preservação da memória do futebol. Além das reuniões que acontecem em São Paulo, atualmente, o grupo conta "grupos irmãos" no Rio de Janeiro e em Fortaleza.

¹⁶ www.ludopedio.com.br. Participam do projeto do site os seguintes integrantes do GIEF: Enrico Spaggiari, Marco Antunes de Lima, Paulo Miranda Favero e Sérgio Settani Giglio.

0055 - Marco Antunes de Lima, Paulo Miranda Favero, Sergio Settani Giglio e Vítor Canale

Em 2010, representado pela Diana Mendes¹⁷, o grupo participou de seu primeiro Congresso Internacional, *Centro e Periferia no Esporte*, realizado em Malmö, na Suécia¹⁸. O objetivo da participação foi divulgar o grupo em outros espaços acadêmicos e o trabalho foi aprestado na mesa sobre *Identities*, composta também por pesquisadores da Suécia, Noruega e Bélgica.

Assim, o GIEF busca espaços acadêmicos ou não para as suas análises e discussões sobre o futebol, principalmente o praticado no Brasil, com suas peculiaridades e as possíveis reflexões sobre a sociedade nacional.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. “**Com brasileiro, não há quem possa!**”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Ed. da Unesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

DaMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: _____. (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

FAVERO, Paulo Miranda; MIRANDA, Melina Nóbrega; LOURENÇO FILHO, Fernando José. Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n.22, p. 127-136, 2007. Disponível em: http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/geousp/Geousp22/Notas_Paulo_Melina_e_Fernando.pdf.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FLORENZANO, João Paulo. **Democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: Educ, 2009.

¹⁷ Também estavam inscritos no Congresso o João Paulo França Streapco e Paulo Nascimento. O trabalho apresentado foi: *Society, Nationality and Brazilian Football in the Researches of Interdisciplinary Group of Studies on Soccer (Gief)*.

¹⁸ <http://www.idrottsforum.org/centersandperipheriesinsport/index.html>

0055 - Marco Antunes de Lima, Paulo Miranda Favero, Sergio Settani Giglio e Vítor Canale

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

MAUSS, Marcel. Noção de técnica corporal. In: _____. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

PARDINI, Melina N. M. **A narrativa da ordem e a voz da multidão: o futebol na imprensa durante o estado novo (1937-1945)**. Dissertação (Mestrado em História)-Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SEABRA, Odete Carvalho de Lima. **Urbanização de fragmentação. Cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão**. Tese (Livre-docência em Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo: construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)**. São Paulo: Annablume, 2008.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 52, p. 133-165, jul./dez. 2001.

_____. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.